

# A SUSTENTABILIDADE NA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE PRODUTORES DE TABACO E DE AGENTES DE DESENVOLVIMENTO: O CASO DE ARVOREZINHA (RS)

## *THE SUSTAINABILITY IN THE ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF TOBACCO PRODUCERS AND DEVELOPMENT AGENTS: THE CASE OF ARVOREZINHA (RS)*

**Alessandra Troian**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Marcelo Leandro Eichler**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Fábio Kessler Dal Soglio**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

**Resumo:** Os riscos à saúde dos produtores rurais e os danos ao meio ambiente oriundos da produção de tabaco são resultado, fundamentalmente, do uso de agrotóxicos e do desmatamento. Atribui-se ao setor fumageiro as externalidades negativas advindas de tais práticas. Nesse sentido, o presente estudo se propõe a analisar as percepções de agricultores e de agentes de desenvolvimento acerca dos aspectos ambientais, sociais e econômicos do cultivo de tabaco no município de Arvorezinha (RS). A pesquisa foi realizada a partir de métodos qualitativos, de cunho etnográfico, envolvendo observação participante e entrevistas semiestruturadas com 17 famílias de produtores de tabaco e sete agentes de desenvolvimento. A pesquisa indicou que o cultivo do tabaco se dá principalmente em função da renda que a atividade proporciona, relegando a segundo plano outras áreas de influência. Em relação aos aspectos ambientais, percebe-se haver preocupação com os solos, por exemplo. Quanto aos aspectos sociais, evidencia-se que alguns entrevistados se sentem impotentes frente ao sistema estabelecido entre empresa integradora e produtor, enquanto outros julgam a integração agricultura-indústria como solução para os problemas enfrentados pelo setor agrícola fumageiro. Por fim, pode-se concluir que o aspecto econômico, aliado aos elementos sociais, como sobrevivência da família, evidenciado na palavra *sustento*, está relacionado à forma como os agricultores percebem o termo sustentabilidade.

**Palavras-Chave:** Percepções, Produtores, Tabaco, Sustentabilidade

**Abstract:** The health risks of farmers and the environmental damage from tobacco production is a result, fundamentally, the use of pesticides and deforestation. Attributed to the tobacco sector the negative externalities arising from such practices. In this sense, this study aims to analyze the perceptions of farmers and development workers about the environmental, social and economic cultivation of tobacco in the city of Arvorezinha (RS). The research was carried out using qualitative methods of ethnographic, involving participant observation and semi-structured interviews with 17 families of tobacco growers and seven developers. Research has indicated that tobacco cultivation is mainly a function of income that the activity provides, pushed into the background other areas of influence. Regarding environmental aspects, it is clear there concern about the soil, for example. The social aspects, it is clear that some interviewed feel powerless against the established system integrator and producer of, while others judge the agriculture-industry integration as a solution to

the problems faced by the agricultural sector tobacco. Finally, one can conclude that the economic aspect, coupled with social elements, such as survival of the family, as evidenced in the word living, is related to how farmers perceive the term sustainability.

**Keywords:** Perceptions, Producers, Tobacco, Sustainability

---

## 1 Introdução

Diversos estudos têm tratado dos impactos ambientais causados pelas atividades agrícolas. Neste cenário, ganha destaque o cultivo de tabaco e as problemáticas ambientais, sociais e econômicas causadas pelo cultivo, como, por exemplo, a degradação dos solos e a dependência dos agricultores as empresas fumageiras. Apesar de o cultivo de tabaco demandar mão de obra intensiva e exigir uma quantidade considerável de agrotóxicos e outros agroquímicos incluindo riscos à saúde e danos ao meio ambiente, associado ao endividamento de pequenos agricultores junto às empresas fumageiras, o Brasil mantém a liderança mundial nas exportações do tabaco em folha desde 1993 (BIOLCHI, 2005; BONATO, 2006; VARGAS e BONATO, 2007; MASCARENHAS, 2006).

A crescente participação dos países em desenvolvimento na produção mundial do tabaco é explicada por diversos fatores. Em primeiro lugar, os custos de produção, nos países em desenvolvimento, são mais baixos que nos países desenvolvidos. Em segundo, o hábito de fumar vem declinando nos países desenvolvidos, enquanto a demanda por tabaco nos países em desenvolvimento tem aumentado. Em terceiro lugar, como parte de uma tendência global mais ampla durante a década de 1990, as empresas multinacionais do tabaco estabeleceram presença crescente nos países em desenvolvimento e estimularam a sua expansão. Por fim, em muitos países em desenvolvimento, o tabaco ainda é considerado uma plantação relativamente rentável, especialmente se comparada com outros cultivos tradicionais de alimentos (MDA, 2007; VARGAS e BONATO, 2007).

Embora o cultivo do tabaco seja considerado uma atividade rentável quando comparado com outros cultivares, pesquisas realizadas pelo Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais - DESER (2009) evidenciam que a grande maioria dos fumicultores, em torno de 80 mil famílias, possui renda em torno de R\$ 400,00 por pessoa/mês. Ou seja, possuem renda inferior a um salário mínimo, ao mesmo tempo em que aproximadamente 60 mil famílias de fumicultores possuem renda baixíssima.

A produção de tabaco está presente em diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul e em muitos desses, com significativa relevância econômica. Dessa maneira, estudar as percepções dos atores sociais envolvidos no cultivo torna-se fundamental, uma vez que as percepções podem revelar as ideias, imagens e as impressões que as pessoas e/ou determinados grupos possuem sobre algo, considerando que possuímos necessidades, valores, interesses e expectativas (SILVA e EGLER, 2002).

Diante da problemática do cultivo do tabaco, o presente estudo propõe-se a analisar e compreender o seguinte questionamento: quais são as percepções dos produtores de tabaco e dos agentes de desenvolvimento locais acerca das dimensões econômica, social e ambiental no cultivo de tabaco no município de Arvorezinha (RS)? Para tanto, os objetivos são: a) apresentar as percepções dos produtores de tabaco e dos agentes de desenvolvimento em relação à sustentabilidade; e b) analisar as percepções dos agricultores e agentes de desenvolvimento acerca dos aspectos econômicos, sociais e ambientais do cultivo de tabaco.

Arvorezinha localiza-se no Vale do Taquari, na Encosta do Planalto, parte inferior do nordeste do Rio Grande do Sul. Situa-se a 210 quilômetros da capital Porto Alegre e possui uma superfície de 278,3 Km<sup>2</sup>. A população do município é de 10.548 habitantes (IBGE 2010). O meio rural é composto por 33 comunidades e 1.411 propriedades rurais, praticamente todas pertencentes a agricultores familiares.

O relevo do município é bastante acidentado com vales, montanhas, várzeas e planícies. O setor agropecuário é responsável por 44,92% da receita municipal (IBGE, 2009). No setor industrial, Arvorezinha destaca-se pela quantidade de processadoras de erva-mate - 14 ervateiras, enquanto no setor agropecuário, a produção de tabaco, em 2010, ocupou 42,38% da área plantada do município, 2.500 hectares, com 5.125 toneladas produzidas (IBGE, 2010).

O cultivo de tabaco está presente em diversas propriedades do município, por ser considerado um cultivo que apresenta elevado valor agregado, empregar toda a mão de obra familiar, possuir garantias de comercialização, não exigir grandes extensões de terra, além de não necessitar da utilização de máquinas agrícolas pesadas.

## **2 Percorso metodológico: a coleta de dados empíricos**

Neste estudo entende-se que as percepções se formam a partir de estímulos cerebrais, mas que também no processo de percepção o sujeito traz muito das vivências, experiências e noções de vida que possui. As percepções se formam, a partir de uma determinada realidade, das sensações, das motivações (interesses, necessidades), da cognição (memórias, lembranças), da avaliação (julgamento, seleção) e de conduta (ações, comportamentos) do indivíduo (MELAZO, 2005).

Estudar as percepções dos produtores de tabaco e dos agentes de desenvolvimento em Arvorezinha/RS justifica-se em função de o cultivo estar presente na maior parte das propriedades rurais, tornando o município dependente dessa atividade agrícola.

A metodologia utilizada no presente estudo caracteriza-se como qualitativa, a partir de uma aproximação com a etnografia. A coleta de dados deu-se a partir de entrevistas com 17 agricultores familiares produtores de tabaco no município de Arvorezinha. O mapa do município pode ser visualizado na Fig. 01. Foram

realizadas entrevistas com produtores de tabaco residentes nas comunidades rurais de Pinhal Queimado (4), Cândido Brum (2), Linha Torres Gonçalves (1), Linha Gramado (2), Linha São Roque (1), Linha Segredo (1), Linha São José (1), Linha Sexta Gruta (1), Linha Sexta São Pedro (1), Lajeado Ferreira (1), Posse Aruz (1) e Arroio Bugre (1). Buscou-se entrevistar produtores de tabaco de diferentes microrregiões do município de forma que pudesse melhor retratar a diversidade de situações e as diferentes percepções dos agricultores. Salienta-se que a comunidade de Pinhal Queimado é a maior comunidade do município, possuindo o maior número de produtores de tabaco, por isso justifica-se a realização de quatro entrevistas.



**Imagem 01-** Mapa do Rio Grande do Sul com destaque para o município de Arvorezinha.

**Fonte:** IBGE (2002) adaptado.

A escolha dos produtores entrevistados deu-se primeiramente por questão de afinidade entre o morador e a pesquisadora – a primeira autora deste artigo, a partir do conhecimento prévio sobre o município. Num segundo momento, as entrevistas foram realizadas por indicação e seguindo o princípio da exaustão (DAUSTER, 1999), sendo a amostra realizada de modo intencional. A partir da décima segunda entrevista percebeu-se que os dados se repetiam, não apresentando mais novidades à pesquisa. No entanto, buscou-se entrevistar mais alguns agricultores, de diferentes comunidades rurais, a fim de buscar a percepção de agricultores de diversas microrregiões do município. Sobre o método intencional, salienta-se que ele se baseia na fundamentação de que devemos controlar a seleção amostral sempre que houver conhecimento suficiente para garantir boas inferências de quantidades conhecidas e de alguma forma correlacionadas com aquelas desconhecidas e de interesse.

As entrevistas possuíam o objetivo de coletar informações, conhecimentos e percepções dos agricultores acerca da sustentabilidade e mais especificamente sobre o cultivo de tabaco. Além das entrevistas com os produtores de tabaco, foram entrevistados: um agente funcionário de uma empresa fumageira, um agente do escritório da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), um agente da prefeitura, o articulador e o delegado do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), um professor do ensino público do município e um agente aposentado como funcionário de uma empresa fumageira. A coleta de dados ocorreu no período de fevereiro a junho de 2009.

Cada entrevista durou entre uma e duas horas, havendo algumas exceções em que a entrevista estendeu-se por um período maior. As entrevistas iniciavam como uma conversa informal e, em seguida, as interlocuções eram dirigidas através de um roteiro pré-elaborado (QUEIROZ, 1988). Após a realização da entrevista, todas as informações pertinentes eram anotadas em um caderno de campo (GERHARDT et al. 2006). O caderno de campo teve por objetivo detalhar o resultado das pesquisas individuais, apontando dados sobre a forma com que os aspectos ambientais, sociais e econômicos do cultivo de tabaco são percebidos pelos produtores. No aspecto ambiental, elencaram-se informações sobre os agrotóxicos, sua utilização e o destino das embalagens, os cuidados e tratamentos com os solos, a existência de mata nativa, os recursos hídricos, o uso de queimadas e a adubação utilizada. No aspecto social, buscaram-se as percepções sobre a relação agricultor *versus* fumageira, a participação dos entrevistados em cooperativas, associações, e o estado emocional e de ânimo (felizes, tristes, (des) animados, entre outros). E por fim, no aspecto econômico, foram abordadas as percepções sobre a renda, o uso de financiamentos e a existência (ou não) de reserva financeira. Essas informações serviram como suporte às reflexões realizadas no decorrer da investigação.

Depois de concluída a etapa de imersão nas comunidades rurais, o caderno de campo foi analisado e de sua leitura e interpretação emergiram três temas que serão apresentados e discutidos a seguir. Na descrição dos dados foram utilizadas as falas dos entrevistados, descrevendo a percepção dos produtores e dos agentes de desenvolvimento. Como forma de identificação, cada família de produtores recebeu um número, de acordo com a ordem como ocorreu a entrevista, com o objetivo de preservar o anonimato entre os entrevistados. Os agentes entrevistados são identificados de acordo com seus cargos e funções.

### **3 Sustentabilidade: introduzindo o debate**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os produtos derivados de tabaco matam cerca de 200 mil brasileiros a cada ano. Os danos ambientais também são grandes, uma vez que, ainda de acordo com a OMS, aproximadamente, 200 mil hectares de matas e florestas são destruídos no mundo

para dar lugar a plantações de tabaco, além das árvores nativas que são cortadas para a cura e secagem das folhas (TROIAN, 2010).

Na cadeia produtiva do tabaco, utilizam-se agrotóxicos desde os canteiros de mudas às lavouras, deixando o agricultor e sua família expostos durante praticamente todo o ano. Além disso, o cultivo causa problemas ambientais como o envenenamento em mananciais, a redução da vida microbiana, entre outros. Por isso, percebe-se no cultivo de tabaco certa pressão sobre os recursos locais (LIMA et al. 2005; SEQUINATO, 2007; RHEINHEIMER et al. 2003).

Além das problemáticas ambientais no cultivo de tabaco, é amplamente discutida a relação da empresa fumageira com o produtor, uma vez que o sistema de integração utilizado acaba por deixar o agricultor dependente da empresa. Também se questiona a renda gerada, uma vez que estudos têm evidenciado o endividamento dos produtores, além de, conforme o Deser (2009), a maior parte dos produtores de tabaco ser beneficiária do programa Bolsa Família<sup>1</sup>. Nesse sentido, visualiza-se que a produção de tabaco apresenta uma série de implicações, as quais fazem existir questionamentos quanto à sustentabilidade do cultivo. No entanto, o que se entende por sustentabilidade?

O processo de desenvolvimento tem feito com que o consumo dos recursos finitos da natureza seja cada vez maior, causando uma série de impactos. O desenvolvimento como sinônimo de crescimento já não serve mais, pois as crises ambiental, social e econômica colocam em xeque esta generalizada noção. Para tanto, no século XX, esgota-se a força norteadora desta ideia e começa-se a agregar a palavra sustentável ao conceito de desenvolvimento.

O desenvolvimento sustentável parte do princípio da insustentabilidade. O termo sustentabilidade é entendido como a manutenção de um sistema ao longo do tempo, sendo que essa durabilidade depende de quanto maior for a adaptabilidade, a diversidade, a resiliência, a equidade do sistema e a interação entre as diferentes dimensões (DEPONTI e ALMEIDA, 2002).

A ideia de que o desenvolvimento sustentável, como sendo o conjunto de processos e atitudes que atende às necessidades presentes sem comprometer a possibilidade de que as gerações futuras satisfaçam às suas próprias necessidades (CMMAD, 1987), deriva, inicialmente, do Relatório de *Brundtland* com o título *Nosso Futuro Comum*, elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU).

A sustentabilidade é futura, uma visão de longo prazo, e deve estabelecer mudanças nos padrões de consumo, nos métodos de uso da terra, na preservação da produtividade (qualidade) do solo, entre outras. A sustentabilidade é a prova de que se está evoluindo, refere-se sempre a uma medida posterior, pois a avaliação está no futuro (GLIESSMAN, 2005). A sustentabilidade também tem a característica de ser relativa, sendo uma comparação entre objetos situados no mesmo tempo, ou em tempos diferentes.

No Brasil, o debate da sustentabilidade tem sido centrado no desenvolvimento rural e nos impactos do modelo de agricultura adotado nas

---

<sup>1</sup> Programa de transferência de renda do governo federal.

últimas décadas, em especial a partir da década de 1980. A “modernização conservadora” (GRAZIANO da SILVA, 1982) causou transformações marcantes na agricultura e representou um esforço no sentido de aumentar a produção e a produtividade das culturas e das criações. Este modelo, mesmo tendo atingido muitos dos seus objetivos, apresentou efeitos transversais que provocaram sérios impactos ambientais, ampliando a desigualdade social entre regiões, entre produtos, e entre agricultores, evidenciando a sua insustentabilidade.

A sustentabilidade está invariavelmente baseada em uma organização social que tenha preocupação e orientação na proteção aos recursos naturais, e que busque, no passar do tempo, a ampliação da harmonia da relação sociedade-natureza (CAPORAL e COSTABEBER, 2004).

Nesse sentido, após essas breves explanações sobre os impactos gerados pelo cultivo de tabaco e a ligeira discussão acerca da sustentabilidade, o item seguinte apresentará os resultados empíricos, por meio das percepções dos produtores de tabaco e agentes de desenvolvimento.

#### 4 Percepções de agricultores e agentes de desenvolvimento

A análise dos resultados consiste em fazer uma discussão a partir das falas e percepções dos entrevistados. Para tanto, os resultados foram divididos em duas seções. Uma que trata das percepções que os agricultores e agentes de desenvolvimento têm acerca da sustentabilidade e uma segunda seção, dividida em outras três subseções, que tratará das percepções sobre os aspectos econômicos, sociais e ambientais, detalhadas a seguir.

##### 4.1 As percepções acerca da sustentabilidade

O termo sustentabilidade, muito discutido atualmente, encontra uma série de definições e conceitos. A conceituação que se acredita ser a mais apropriada é a que menciona que “é atividade economicamente viável, socialmente justa e ecologicamente correta”. Nesse sentido, em se tratando de sustentabilidade, sem maiores conhecimentos acadêmicos sobre o termo, os entrevistados foram estimulados a expor suas percepções. No caso dos agricultores entrevistados, esses ainda foram estimulados a falar sobre que ações são tomadas para que suas propriedades mantenham os recursos naturais ao longo dos anos. Dessa forma, encontraram-se as mais diversas percepções acerca da temática.

Os agentes rurais entrevistados avaliam a região onde o município de Arvorezinha está inserido como uma região sustentável. “A *região ainda está bem*” (...) “*Há muitos pontos positivos frente à sustentabilidade*” (agente Emater). O agente considera o município de Arvorezinha sustentável, quando comparado com outras regiões que cultivam tabaco, como Santa Cruz do Sul, por exemplo.

Mas quando se trata do cultivo do tabaco, na visão do agente: "*o fumo é cultura da morte*" (agente Emater).

"*O mundo todo está contra o fumo*" (agente rural/prefeitura). Esta é a forma com que outro agente percebe o cultivo de tabaco em se tratando de sustentabilidade, acreditando ainda que o município apresenta muita área verde: "*no geral não se tem problemas*" (...) "*hoje se está mais consciente do que antigamente*" (agente prefeitura). A visão do agente rural, representante do MDA, vai além de considerar que o cultivo de tabaco, atualmente, não é mais rentável, ele ainda apresenta problemas ambientais e para a saúde humana.

A visão dos agricultores entrevistados sobre o que é sustentabilidade também é divergente. Nesse caso, para o entrevistado, "*economicamente ela (a propriedade) se sustenta*" (família 01/genro). Para outro, sustentável é: "*eu entendo que além de se sustentar a gente produz para outras famílias*" (família 01/genro). Para Moreira (2005), um projeto é "sustentável" quando ele assegura a melhoria das condições de vida econômica, social e ambiental das populações a que se dirige e, ao mesmo tempo, não põe em causa a capacidade futura da região e das suas populações em desenvolver novos projetos sustentáveis. Enquanto que sustentado necessita de algo ou de alguma característica que o sustente, como por exemplo, pode-se citar um projeto que se sustenta a partir de fundos comunitários. Dessa forma fica evidente que sustentável e sustentado não são sinônimos (MOREIRA, 2005). Muito embora isso não seja muito claro nas percepções dos entrevistados.

A fala do entrevistado acima associa a sustentabilidade ao aspecto econômico. Porém, para ele, sustentável é produzir e vender o excedente, mas no caso do tabaco, isso é contraditório, pois a produção não é alimento e ainda é utilizado para a fabricação do cigarro. A opinião acima exposta se assemelha com a desta entrevistada: "*a propriedade é sustentável quando se consegue viver com o que se tira dela*" (...) "*a nossa pode ser considerada sustentável*" (família 08/entrevistada). Ainda com esta percepção temos: "*sustentável é uma propriedade que consiga viver em cima e tirar seu sustento*" (família 02/entrevistado).

A entrevistada acrescenta que, quando abandonarem o cultivo do tabaco, pretendem desenvolver atividades voltadas para a alimentação, pois, atualmente, com o cultivo do tabaco e com a criação de frangos, ambos no sistema de integração vertical, eles acabam não produzindo os alimentos para o autoconsumo: "*Acredito que quando parar de plantar fumo vamos plantar milho, feijão...*" (família 02/esposa). A expressão da agricultora demonstra que as famílias que têm a produção de tabaco e a criação de frango integrados em suas propriedades acabam sem tempo para se dedicar a outras atividades devido à intensa demanda de mão de obra exigida nesse sistema de produção. No entanto, lembra-se que a produção para o autoconsumo desempenha um importante papel, como produtora de autonomia na agricultura familiar, por garantir às famílias uma das necessidades vitais, que é a alimentação, reduzindo a dependência do mercado (LEITE, 2003; GRISA, 2007).

O cultivo de tabaco, de certa forma, concorre com a produção de alimentos. Assim, apesar de ser comum a diversidade de culturas na agricultura familiar produtora de tabaco, Schneider (2010, p. 8-9) lembra que, pela excessiva exigência de mão de obra do tabaco, há uma tendência de abandono das culturas alimentares em favor da cultura que gera recursos monetários para a propriedade. Visualiza-se que, para os entrevistados, a produção para o autoconsumo aparece como indicador de sustentabilidade e o cultivo do tabaco, de certa maneira, impede ou dificulta os agricultores a se dedicarem à produção que garante a subsistência da família. Ainda na mesma ideia de que a sustentabilidade liga-se ao viés da diversidade, teve entrevistado que acredita que sustentabilidade é: "*produzir o máximo possível, de tudo quanto é coisa*" (família 06/ entrevistado).

Na opinião de um ex-plantador de tabaco, sua propriedade seria sustentável desde que cultivasse tabaco: "*Voltando a plantar fumo*" (família 03/entrevistado). Acrescenta ainda que sustentável é: "*conseguir plantar e sustentar eu e minha família*" (família 03/entrevistado). O seu discurso parece estar marcado pelo caráter econômico, no sentido de se sustentar financeiramente. Enquanto que, na visão do entrevistado, sua propriedade se manterá sustentável, desde que continuem cuidando dos recursos naturais existentes: "*Se nós souber (sic) conservar o que tem em cima (propriedade), sim, como temos feito*" (família 04/entrevistada). A entrevistada fala em plantar árvores, cuidar dos solos, da água e diz que dessa forma a propriedade se manterá para seus filhos: "*Se morre uma árvore ali a gente planta outra aqui*" (família 04/entrevistada).

Percebe-se que muitos agricultores veem no solo seus maiores entraves, pois quando questionados sobre a manutenção da propriedade e o que significa sustentabilidade, os agricultores levantam os cuidados com os solos acreditando que fazendo isso serão sustentáveis, como relata o seguinte agricultor: "*não dá para deixar a terra morrer (sic)*", acrescentando que, se continuar a fazer o que ele faz, sua propriedade se manterá. "*Se continuar cuidado ela vai tá (sic) (sustentável)*" (família 05). Assim como pensa e age a família a seguir: "*Eu acho que vai ser sustentável (propriedade), procuro cuidar da água do solo, colocar o que se tira*" (família 08/entrevistada). E, na visão deste agricultor, a sustentabilidade da propriedade limita-se à adição de calcário: "*Se continuar a colocar calcário, sim*" (família 07/ entrevistado).

Associado aos cuidados com os solos, uma família de entrevistados, após confirmar que sua propriedade é sustentável, justifica que isso ocorre em função de desenvolverem várias atividades e por evitarem derrubadas, mas a matriarca acrescenta que ainda devem reduzir ou eliminar o uso de agrotóxicos. E, em outro caso, a sustentabilidade "*depende do desmatamento*" (família 15/filho), considerando o entrevistado que além de realizar o plantio direto "*não tem mais o que fazer*" (família 15/filho) para que se alcance a sustentabilidade da propriedade. E ainda há quem, com dúvida sobre suas ações, fale: "*do jeito que a gente está continuando, seria (sustentável)*" (família 07/ entrevistado).

Há quem tenha dúvidas quanto à sustentabilidade de sua propriedade: "*Acho que sim (que é sustentável)*" (família 12/entrevistado). Como a sustentabilidade é futura, uma visão de longo prazo, e deve consagrar mudanças

nos padrões de consumo, nos métodos de uso da terra e na preservação da produtividade do solo (GLIESSMAN, 2005), os agricultores têm dúvidas quanto a sua sustentabilidade: "*Acho que vai produzir do mesmo jeito*" (família 15/filho). Em se tratando da questão do futuro, sobre ser ou não sustentável ao longo do tempo, parece ser duvidoso para eles: "*O que a gente vai saber daqui a 10, 15 anos? Vai saber se a gente vai estar vivo!*" (família 16/entrevistado). Evidencia-se que, no geral, a preocupação existente é em curto prazo, evitando planejamento e preocupações futuras.

Retratando a preocupação econômica, há quem veja a sustentabilidade somente por este ângulo: "*Vive é claro, mas não dá para esbanjar muito*" (família 13/esposa), e "*pra nós viver, fizemos*" (família 14/entrevistado). Por fim, encontraram-se casos em que, após alguns minutos pensando, o agricultor sem muito a dizer sobre o que considera sustentável responde: "*sabe que é uma boa questão...*" (família 07/ entrevistado).

Dessa maneira, a partir das percepções que os produtores de tabaco e agentes de desenvolvimento têm sobre a sustentabilidade, pode-se inferir que eles não diferenciam sustentável de sustentado. Muitas das suas frases expressam estes conceitos como sinônimos. As expressões desenvolvimento sustentável e sustentado não são conceitos definidos rigorosamente, mas é comum associar-se o desenvolvimento sustentável ao que se sustenta por si, enquanto um desenvolvimento sustentado seria o que se faz à custa de fatores exógenos.

Pode-se concluir que o aspecto econômico, aliado aos elementos sociais, como sobrevivência da família, evidenciado na palavra *sustento*, está relacionado à forma como os agricultores percebem o termo sustentabilidade, aparentando existir pouca preocupação com as características ambientais.

## 4.2 Percepções acerca dos aspectos econômicos, sociais e ambientais do cultivo de tabaco

### 4.2.1 Aspectos econômicos

A principal motivação para o cultivo do tabaco é o aspecto econômico. Os produtores, de maneira geral, mencionam que desenvolvem o cultivo pela renda que ele apresenta, alegando que não o fazem por gostar ou por "saber". Planta-se: "*pela renda, por gostar ninguém plantaria mais*" (família 06/ entrevistado), "*É a principal renda que se tem pra cá (região) [...] na verdade fumo dá dinheiro*" (família 08/entrevistada).

O cultivo do tabaco representa para o agricultor, e para os demais atores envolvidos no cultivo, algumas vantagens econômicas quando comparado a outras atividades e cultivos: "*Na verdade ainda para a agricultura o que dá renda é o fumo*" (família 09/entrevistada). Estudos apontam que 10,4% dos fumicultores dependem exclusivamente do tabaco para obtenção da renda agrícola. Para

aproximadamente 22% de fumicultores, o tabaco responde por mais de 90% do Valor Bruto de Produção (VBP) e, para 40,7%, ele representa mais de 75% do VBP. A produção de subsistência é considerada baixa entre os fumicultores, significando, em média, R\$ 2.521,00<sup>2</sup> anual, sendo que, em 27% das famílias, esse valor é inferior a mil reais (MDA, 2007).

O aspecto econômico do cultivo do tabaco é fortemente argumentado. Tanto os agentes de desenvolvimento quanto os produtores percebem o cultivo como importante fonte de renda e por isso de difícil substituição. O tabaco apresenta: "*alta renda com mercado em expansão que não satura com a entrada de novos produtores*" (agente representante MDA). O agente rural, funcionário de fumageira supõe que a produção de tabaco é rentável economicamente: "*Eu acho que o fumo hoje no município é muito positivo pela renda por área*" (agente fumageira).

Da mesma forma, a agricultora entrevistada justifica o fato de plantar tabaco: "*Pela pequena propriedade e pela renda*" (família 01/ filha). Com percepção semelhante outra agricultora comenta: "*Por que outra coisa não dá, o plantio de milho vira em prejuízo*" (família 13/esposa). Porém, foi salientado no decorrer da pesquisa que a atividade já não é mais tão rentável como se imagina: "*O fumo já foi muito mais rentável, hoje se o produtor tiver que pagar lenha e mão de obra, fica complicado*" (agente prefeitura).

O aspecto econômico da pesquisa evidencia que o plantador de tabaco mostra-se sem reserva financeira. Houve depoimentos que revelam que, além de não possuir dinheiro, os produtores de tabaco não estão investindo na propriedade. Em alguma possível eventualidade, a família passaria necessidade: "*Não tenho onde me agarrar [...] se der uma doença, tem que morrer*" (família 14/entrevistado). Os entrevistados fazem o uso de financiamentos. Muitos deles utilizam o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)<sup>3</sup> como forma de reprodução da propriedade e manutenção da família no meio rural, desenvolvendo algumas atividades agrícolas. "*Sempre faz custeio*" (família 13/esposa). O financiamento é utilizado para a aquisição de sementes de milho, adubos, dentre outros insumos utilizados na propriedade: "*Custeio de milho sempre faço*" (família 16/entrevistado).

Por fim, no aspecto econômico, embora a renda proporcionada pelo cultivo de tabaco seja um dos principais motivos que leva os agricultores, em estudo, a desenvolverem esta atividade, visualiza-se que nem todos os entrevistados encontram-se com condições financeiras satisfatórias.

---

<sup>2</sup> Valor de compra dos produtos.

<sup>3</sup> O PRONAF é um programa do Governo Federal criado em 1995, com o intuito de atender de forma diferenciada os pequenos produtores rurais que desenvolvem suas atividades mediante emprego direto de sua força de trabalho e de sua família.

#### 4.2.2 Aspectos sociais

Para analisar as percepções acerca dos aspectos sociais, buscou-se elencar as percepções sobre a relação agricultor e empresa fumageira, a participação dos entrevistados em cooperativas, associações, e seus estados de ânimo. A escolha dessas temáticas deu-se em função da existência de uma série de estudos que tratam da dependência do agricultor à empresa integradora, em função do cultivo de tabaco se dar por meio da integração vertical entre agricultor e fumageira. Da mesma forma, que pela existência de outros tantos estudos tratando a relação dos agricultores que cultivam tabaco com doenças neurocomportamentais. Em especial, as chamadas doenças de nervos e as frequentes depressões causadas pelo uso intensivo de agrotóxicos.

Segundo Boeira (2002), o sucesso do cultivo de tabaco, no Sul do Brasil, é devido ao fato de a produção ser desenvolvida em um sistema de integração vertical entre indústrias e fumicultores. A assistência técnica é oferecida pelas empresas em troca da venda integral da produção com exclusividade. Os produtores se comprometem moralmente, e por meio de contratos, sendo esta uma forma encontrada pelas indústrias para manterem o controle produtivo em suas mãos desde o início do cultivo do tabaco e não apenas no momento da venda final.

A produção de tabaco, no município de Arvorezinha, é uma atividade que pode ser associada à perda de autonomia dos agricultores. A chegada das fumageiras internacionais deu-se por volta dos anos de 1970, e a consolidação do sistema de produção integrada foi inicialmente vista como uma oportunidade para se alcançar níveis de vida mais elevados, especialmente ao se considerar as garantias de compra da produção oferecidas por essas empresas. *“Aqui se produz o que as fumageiras querem”* (agente da prefeitura). Atualmente, a atividade parece ser vista como uma ocupação que já não oferece a compensação esperada e justa.

Percebe-se que os agricultores são integrados às fumageiras por não possuírem condições financeiras de plantar sem o vínculo com a empresa: *“Não podemos plantar por conta”* (família 04/entrevistada). Em consequência, os agricultores sentem-se angustiados e impotentes perante a integradora: *“Pequenos [...] na verdade pressionado”* (família 01/genro). A relação com a integradora, em alguns casos, deixa os agricultores tristes: *“Está triste a situação do fumo”* (família 08/entrevistada).

A fumageira estabelece um jogo, na visão deste entrevistado: *“Tem época que paga bem, época que paga mal”* (família 15/filho). O lucro proporcionado com o cultivo do tabaco é decrescente. Além disso, há um sentimento entre os fumicultores e suas famílias de uma grande dependência em relação às fumageiras. Tal dependência é geralmente ilustrada pela reclamação dos agricultores por não haver negociação com a empresa. A única opção do plantador é vender a produção ao preço proposto, mesmo que ele não seja satisfatório nem corresponda às expectativas da família. Na visão de um entrevistado, a relação que eles possuem com a fumageira é de pressão. Dizem sentirem-se presos e

pressionados, obrigados a entregar o produto devido aos contratos preestabelecidos: *"Com estes contratos a gente é obrigado a entregar o fumo"* (família 06/ entrevistado). Em outro caso, o agricultor sente-se explorado e dependente da fumageira. *"[...] todas as empresas exploram"* (família 10/entrevistado); o entrevistado acrescenta: *"assim é, e assim sempre vai ser"* (família 10/entrevistado).

No sistema de produção integrada, o agricultor só pode sair quando liquidar suas dívidas; do contrário, nenhuma outra empresa fumageira o aceitaria como produtor associado. Na prática, é difícil que um integrado deixe o contrato nos cinco primeiros anos, pois os investimentos na propriedade devem ser pagos nessa média de anos que, em geral, utiliza-se nos financiamentos com a empresa (MASCARENHAS, 2006). Ao agricultor cabe aceitar as frequentes baixas de qualidade na classificação no tabaco: *"O preço pra (sic) falar a verdade não seria ruim, mas elas pagam o que querem"* (família 17/entrevistado). Na visão do agente rural aposentado, *"a dependência do produtor existe e ela acontece de acordo com a oferta da produção [...] existe um jogo e o produtor paga o pato"* (agente aposentado/fumageira).

No entanto, apesar das conhecidas críticas sobre o sistema de integração estabelecido entre fumicultor e empresa fumageira, existem agricultores que não se sentem descontentes com o sistema. *"Por enquanto está bem"* (família 07/ entrevistado). Há ainda quem diz não ter do que reclamar: *"Para a que eu planto (empresa) não tenho do que me queixar, por enquanto"* (família 16/entrevistado).

Os agricultores são sócios da igreja comunitária, do Sicredi (Sistema de Crédito Cooperativo); alguns, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), de cooperativas como a Cooperativa Agrícola de Soledade (Coagrisol), a Cooperativa Comércio Transporte e Indústria de Lácteos LTDA (Cotrilac), e da Cooperativa de Eletrificação Rural (CERFOX). A totalidade de entrevistados diz ser sócio da comunidade religiosa e entre os principais motivos está explícito o sentimento de pertencimento e, principalmente, a garantia de catequese dos filhos e, mesmo que não claramente, a necessidade de um espaço para ser sepultado.

Há agricultor que vê as formas de associações positivamente, por gostar de encontrar-se envolvido com ações sociais: *"Todas as associações trazem benefícios"* (família 06/ entrevistado). *"O simples fato de se reunir já é positivo"* (família 12/entrevistado). No entanto, a associação com o STR é vista de forma negativa. Muitos agricultores se associam até receber o benefício almejado, como, por exemplo, a reforma da moradia. *"Pagamos só uma vez até sair a reforma"* (família 01/ filha). *"Tá (sic) atrasado mais vai..."* (família 04/entrevistada).

Na pesquisa, encontraram-se também agricultores que não são sócios por acreditar que as associações não trazem benefício algum: *"Precisa de alguma coisa e nunca se tem nada"* (família 05), como acrescenta este agricultor: *"era sócio do sindicato e desisti, não vale a pena, só querem receber"* (família 07/ entrevistado). Teve entrevistado que, além de dizer não ser sócio, de forma ousada, criticou o STR: *"O sindicato só vai roubar dinheiro"* (família 15/filho). *"Pra (sic) nós não tem vantagem, é só pagar"* (família 16/entrevistado).

Todos os entrevistados, 17 famílias de agricultores, são sócios da comunidade onde residem. As comunidades são compostas por um salão ou ginásio de esportes, onde são realizados os encontros e as festividades, uma igreja, geralmente ligada à religião católica, e um cemitério. Encontrou-se um entrevistado que fazia parte da direção da comunidade: *"Estava na diretoria até o ano passado"* (família 08/entrevistada). Em outro, a filha participa ativamente das atividades: *"Micheli (a filha) é catequista [...]"* (família 13/esposa).

Já as cooperativas são percebidas pelos produtores como meios de garantia de entrega do produto – que não o tabaco. No geral, os sócios de cooperativas são os agricultores que cultivam milho em suas propriedades. A cooperação ocorre para que haja a aquisição do milho. Na visão dos agricultores participantes, a relação com a cooperativa tem pontos positivos e negativos. Salienta-se, como ponto negativo, o elevado custo dos insumos e, como ponto positivo, a garantia de entrega do produto. *"Tem partes que é bom e em partes não"* (família 11/esposa).

Para finalizar as percepções sobre os aspectos sociais, pelo conhecimento de altas taxas de depressão e até de suicídios em regiões produtoras de tabaco, tentou-se questionar sobre o estado de ânimo dos agricultores. Para tanto, alguns estudos<sup>4</sup> evidenciam que, entre os fumicultores, há um maior risco de desenvolver alterações neurocomportamentais as quais podem evoluir para um quadro de depressão e até de suicídio.

No geral, as expressões dos entrevistados evidenciam que seus sentimentos oscilam entre momentos felizes e outros de preocupação: *"Tem horas que tá (sic) contente, horas que desanimado, mas tem que ir levando"* (família 07/ esposa). *"Olha eu estou feliz, não tenho doença"* (família 11/esposa). Sentem-se angustiados e não sabem o que fazer em relação ao cultivo de tabaco: *"está triste a situação do fumo"* (família 08/entrevistada). No entanto, esta mesma entrevistada finaliza o assunto dizendo não querer nem lembrar tudo o que já passou quando teve depressão, temendo passar novamente por este estado psicológico.

Uma família diz estar triste por possuírem problemas, mas a entrevistada ressalta que existem situações piores: *"um pouco triste sim; a gente tem problema, mas tem que aceitar"* (família 13/esposa). *"Problema todo mundo tem"* (família 14/entrevistado), E, por fim, visualiza-se um caso em que o entrevistado não tem do que reclamar. *"Pra mim tá bom"* (família 05).

---

<sup>4</sup> Um estudo realizado, em 1996, apresenta fortes indícios de uma relação entre a utilização de pesticidas organofosforados na fumicultura e o aumento das taxas de suicídio em Venâncio Aires (RS). O município é um dos maiores produtores de tabaco da região. Segundo esse estudo, este município apresenta coeficiente de mortalidade por suicídios bem maiores do que todo o estado do RS. Uma das observações mais marcantes desse estudo é que mais de 80% dos suicídios no município ocorrem em pessoas que lidam com a agricultura. O estudo também aponta o fato de que, em 1995, o coeficiente de suicídio quase que duplicou em relação aos dois anos anteriores. Isso ocorreu paralelamente à intensificação do uso de agrotóxicos na lavoura do tabaco, que passou dos habituais 50 a 60 kg por hectare para cerca de 100 kg por hectare, uma vez que naquele ano houve um excessivo número de pragas em consequência da seca e de outros fatores (CAVALCANTE e PINTO, 2002; FARIA et al. 1999; INCA, 2008).

### 4.2.3 Aspectos ambientais

A modernização e com ela a transformação de técnica em tecnologia, separando por completo o homem da natureza, fez com que as formas de o homem ver a natureza como recurso causasse "agressões" ao ambiente. A sociedade de forma geral ainda não se deu conta da importância do meio ambiente para sua sobrevivência. Diante dessa problemática, durante o período de entrevistas elencou-se algumas temáticas, dentro do aspecto ambiental, a serem analisadas. Dentre elas, destacam-se os agrotóxicos, seu uso, e destino das embalagens, os cuidados e tratamentos com os solos, a existência de mata nativa, os recursos hídricos, o uso de queimadas e a adubação adotada. Para tanto, ressaltou-se que em 100% das entrevistas, as 17 famílias de produtores dizem não fazer o uso de queimadas: "*Queimar não queimemos (sic)*" (família 11/entrevistado). Enquanto que, nos demais aspectos, existe uma variação nas ações e percepções.

"*O agricultor estando consciente pode amenizar os danos ambientais*" (agente aposentado/fumageira). Na visão do agente, os agricultores estão respeitando os limites da mata ciliar e cultivando os solos no sistema de plantio direto. O entrevistado reforça: "*Hoje acredito que se usam menos agrotóxicos*" (agente rural/fumageira). De acordo com informações do SINDITABACO, nos últimos 10 anos o uso de agrotóxicos no cultivo de tabaco foi reduzido – atualmente utiliza-se 1,1 quilo de ingrediente ativo por hectare, não só para evitar dano ambiental ou desperdício de insumos, mas também para atender às exigências dos consumidores estrangeiros<sup>5</sup>.

No entanto, no decorrer da pesquisa, visualizou-se que o uso de agrotóxicos é corriqueiro no cotidiano das famílias, pois todas elas fazem uso de agrotóxico com frequência. "*As famílias estão menores e os agrotóxicos ajudam*" (agente de desenvolvimento/prefeitura). Os agrotóxicos provêm da empresa integradora, porém em algumas situações, há a necessidade de maior demanda, os quais são adquiridos em agropecuárias locais. "*Raramente se compra fora*" (família 08/entrevistada).

Os agrotóxicos são utilizados em larga escala na produção de tabaco, mas se percebe que os agricultores não fazem seu uso na produção para o autoconsumo. Alguns justificam isso em função de ser uma produção em pequena escala. "*É tão pouco que vamos com a enxada mesmo*" (família 08/entrevistada). "*A gente planta só os pouquinhos*" (família 09/entrevistada). Outros, no entanto, deixam claro que a não utilização ocorre em função dos cuidados com a própria saúde e com a dos demais membros da família. "*A gente procura não colocar já que é para comer*" (família 08/entrevistada).

As embalagens dos agrotóxicos têm diferentes destinos. Na maior parte dos casos, são devolvidas para a integradora. Como pode ser comprovado nos

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.sinditabaco.com.br/?link=ambiente.interna&id=334>. Acesso em: 09 set. 2011.

depoimentos de alguns entrevistados: *“A gente faz tríplice lavagem e devolve”* (família 09/entrevistada), *“(...) a firma recolhe”* (família 15/filho). Em uma data e local preestabelecidos, as fumageiras passam a realizar a coleta, como se verifica no relato: *“Eles marcam o dia e todos (os) agricultores entregam lá”* (família 04/entrevistada). Na fala dos entrevistados a seguir, o procedimento da coleta das embalagens é atual: *“Ultimamente tá (sic) passando um caminhão, a gente lava e devolve”* (família 17/entrevistado).

A produção do tabaco geralmente está localizada em solos marginais, declivosos e com muitos problemas de manutenção da capacidade produtiva. O cultivo de tabaco é responsável pela degradação do ecossistema natural através do uso intensivo do solo. A maioria dos entrevistados maneja o solo no sistema de plantio direto e/ou cultivo mínimo: *“Acho que é cultivo mínimo”* (família 09/entrevistada), *“A maioria, 100% cultivo mínimo, [...] é melhor para proteger o solo”* (família 10/entrevistado). A entrevistada ressalta como é realizado o cultivo: *“Coloca o adubo e planta envergado com o pasto”* (família 04/entrevistada). E dentre os principais motivos que levam os agricultores a adotarem os sistemas, estão desde os aspectos visuais: *“achava bonito ver nos outros”* (família 02/entrevistado), ao aumento da proteção dos solos e da produção: *“É melhor, não lava a terra [...] produz mais também”* (família 04/entrevistada). A adoção do sistema de plantio direto foi resultante dos problemas de erosão, e associada ainda à redução da mão de obra: *“Dá menos mão de obra e preserva a umidade”* (família 06/entrevistado), considerando-se que reduz os riscos, pois: *“Quando vem a chuvarada vem por tudo, por isso fazemos o plantio direto”* (família 15/filho). Ainda nesta ideia, acredita-se que: *“mexe menos com a terra e ela aguenta mais sem estar lavando”* (família 03/entrevistado).

O solo, quando manejado de forma correta, é dito renovável (SEQUINATTO, 2007). Os entrevistados que cultivam os solos no sistema convencional, em alguns casos dizem saber que o sistema de plantio direto é melhor para o solo, principalmente em solos declivosos, mas não o realizam, como ressalta o seguinte agricultor: *“O certo mesmo era fazer (plantio direto) na ladeira”* (família 07/entrevistado). *“O ano passado foi feito, neste ano não”* (família 08/entrevistada).

A questão da presença da mata nativa também faz parte da análise das percepções acerca do aspecto ambiental da sustentabilidade. No estudo, visualiza-se que ela está presente na maior parte das propriedades. *“Onde não se planta é porque tem mato”* (família 14/esposa). Nem que seja numa pequena parcela. *“Não é muita coisa, mas tem uns pés”* (família 08/entrevistada). Em uma única entrevista a agricultora salienta não haver mata nativa em sua propriedade. *“Acho que não existe aqui no nosso pedacinho, não”* (família 09/entrevistada).

Os entrevistados, em sua maioria, se manifestam no sentido de não fazer o uso da mata nativa na secagem do tabaco, e entre os motivos está o temor à legislação. *“Porque eles (fiscalização) não deixam derrubar”* (família 07/entrevistado). E há algumas exceções que, embora com receio dos órgãos de fiscalização e da legislação ambiental, derrubam a mata existente em sua propriedade. *“É uma coisa errada, a gente nem consegue derrubar para a gente*

(...) *mas não demo (sic) bola, derrubamos mesmo*" (família 13/esposa). Há também casos em que nitidamente os agricultores dizem derrubar a mata para utilizá-la como lenha e para ampliar a área de cultivo. "*Ah, protege! Estamos derrubando tudo...*" (família 01/ filha). Ressalta-se que existem alguns fatores que se deve levar em conta para entender o processo de "devastação" da mata nativa. Um deles pode ser a forma como a floresta é chamada de mato, tendo em vista que mato não é apenas floresta primária como também capoeira e qualquer outra planta que nasça em lugar indesejado, as quais o agricultor tem por ofício carpir, eliminar, limpar, cortar (CARVALHO e NORDARI, 2007).

A qualidade da água pode ser uma medida que diagnostique o estado de conservação do ambiente como um todo (KUHNNEN, et al. 2009), por isso procurou-se informações e percepções a respeito da questão dos recursos hídricos. A visão do agente da Emater sobre os recursos hídricos no município é que os agricultores que não utilizam água comunitária, por meio de poços artesianos, acabam por estar utilizando água contaminada. "*Acredito que a maior parte dos agricultores tem água comunitária e o restante de água superficial está contaminada*" (agente Emater).

A maior parte das fontes de água está "protegida", cercadas por árvores. "*É protegido, tem guavirova plantada*" (família 15/filho). "*A fonte é no mato, não tem lavoura nenhuma (por perto), foi feita de tijolo e coberta*". (família 17/entrevistado). Quanto à disponibilidade da água, as opiniões divergiram. Na opinião da professora entrevistada, a água já se encontra em déficit no município. "*Já está faltando água em Arvorezinha*" (agente, professora).

Outros agricultores afirmaram que até o presente momento não sentiram falta da água. "*Por enquanto, sim (tem água)*" (família 06/ entrevistado). Mas há entrevistados que perceberam que a água pode vir a faltar. "*Está enfraquecendo*" (família 11/entrevistado). E ainda, "*ficar sem água não fiquemos (sic), mas não tem em abundância*" (família 14/esposa). Para Kuhnen et al. (2009), embora a população sinta a escassez de água, há resistência ao seu armazenamento; inclusive, o acesso à água corrente e nascente está associado à própria ideia de um direito natural de todos.

Por fim, para compor o aspecto ambiental de tabaco na percepção dos agricultores e agentes de desenvolvimento, foi questionado sobre o uso de fertilizantes e adubos químicos. Todos entrevistados dizem fazer uso de adubos químicos, enquanto alguns dizem utilizar tanto químico quanto orgânico. "*Só os que vêm da firma*" (família 16/entrevistado). Já em outras propriedades este uso é associado ao uso de adubo orgânico, ou seja, usa-se o esterco de aviário e também o lixo orgânico produzido na cozinha. "*Quase só químico*" (família 13/filha). "*Praticamente químico, mas usamos esterco também*" (família 14/entrevistado). O adubo orgânico é utilizado nas hortas e nas fruteiras. "*A gente deixa o (esterco) de gado enxugar e usa esse*" (família 09/entrevistada). O que se percebe é que o adubo externo geralmente é utilizado somente no cultivo do tabaco. "*É só no fumo que a gente bota*" (família 04/entrevistada).

## 5 Considerações finais

Em relação ao estudo das percepções, salienta-se que o método de fato permite melhor entender as estratégias que os agricultores assumem de forma a preservar sua reprodução social. Há uma crescente tendência em utilizar-se estudos da percepção em temas diversos (SILVA e EGLER, 2002) com resultados que ajudam a entender a visão dos atores. Em pesquisas qualitativas, para conhecer e entender as opções dos agricultores, o estudo das percepções tem sido relevante, embora se possa usar diferentes abordagens metodológicas.

Entende-se que as questões gerais discutidas neste estudo são muitas vezes encontradas em outras regiões e em outros sistemas de produção (por exemplo, o sistema de produção integrada de leite, suínos e aves) presentes no meio rural brasileiro, em especial no Rio Grande do Sul. No entanto, o cultivo de tabaco tem sido mais criticado devido ao fato de estar ligado a diversos problemas, seja pelo consumo do produto final, cigarros e assemelhados, seja pelo uso frequente e sem cuidados, por parte dos agricultores, de agrotóxicos. Assim, ele é considerado responsável por uma série de doenças, tornando-se um problema de saúde pública (SPINK et al. 2009), como por diversos problemas ambientais. Entretanto, pela dependência por parte dos agricultores envolvidos, assim como por parte dos municípios em que é produzido, a continuidade da produção de tabaco tem sido defendida com o argumento de que gera crescimento econômico. São necessárias políticas públicas e forte envolvimento social para que se busquem alternativas ao cultivo de tabaco, de forma que os produtores e os municípios possam depender menos desse cultivo e com isso se possa resolver os problemas a ele associados.

A integração vertical dos agricultores às indústrias fumageiras, através de contratos, e a facilidade com que recebem, dessas indústrias, recursos e apoio técnico, também são elementos que se deve considerar, ao buscar-se a substituição do tabaco por outra atividade econômica. Os agricultores precisam confiar que a mudança de atividade terá segurança e apoio institucionalizado. Ao mesmo tempo, em função de que muitos agricultores se sentem fragilizados e impotentes frente ao sistema, ações que promovam a cidadania e a capacidade de autodeterminação são necessárias.

Na atualidade, muitos agricultores não percebem a existência de vantagens em participar do sindicato dos trabalhadores rurais, pois esperam do sindicato ações, e não o entendem como um espaço de cidadania. Isso pode estar acontecendo pelo distanciamento do sindicato de seus representados, assumindo meramente um espaço de acesso a políticas públicas, mas não de representação das vontades das comunidades. As associações comunitárias, por outro lado, são valorizadas, com participação da maioria dos agricultores de cada localidade, o que pode ser atribuído à importância dessas associações no cotidiano de cada família, representando espaços de lazer e sociabilidade.

Quanto aos aspectos ambientais, verificou-se uma preocupação dos agricultores com a conservação dos solos. Eles percebem que o solo é um recurso fundamental para a sua atividade, também entendendo que o solo é o patrimônio que estará passando para seus descendentes. Muitos já reconhecem os problemas

que estão ocorrendo com a disponibilidade de água, em quantidade e qualidade. Entretanto, essa percepção ainda pouco alterou as práticas que adotam na produção agrícola. Com relação a outros aspectos ambientais, como a biodiversidade e a manutenção da cobertura florestal, muitos agricultores ainda não conseguem perceber a relação que esses aspectos possuem com os seus problemas, como a própria redução de captação e preservação da água, realizada pela presença de árvores nas nascentes, e a proliferação de insetos prejudiciais em função da destruição de seus ambientes nativos, e da extinção de seus inimigos naturais.

A confusão entre os termos "sustentável" e "sustentado", que não são sinônimos (MOREIRA, 2005), é observada em muitas falas. A percepção que se tem é que a propriedade e o cultivo de tabaco são sustentáveis por manter a família desenvolvendo a atividade. Não se observa a aplicação do conceito de sustentabilidade no sentido de regeneração dos sistemas e capacidade de manter as gerações futuras com qualidade de vida. Embora o sustento das famílias dependa da produção de tabaco, esse cultivo promove uma série de impactos ambientais, sociais e econômicos negativos, que não são facilmente percebidos.

Por fim, acredita-se na necessidade de se repensar o cultivo de tabaco como vem ocorrendo por meio da Convenção Quadro para Controle do Tabaco (CQCT), articulando políticas de controle ao tabagismo a políticas de alternativas ao cultivo de tabaco e políticas de combate a desigualdade social e a degradação ambiental. Para que isso ocorra, é necessário destacar de que o cultivo de tabaco, embora possa parecer altamente rentável, está relacionado a diversos problemas e que pode ser substituído por outras atividades agrícolas que são também lucrativas, mas que causam menos impactos negativos. Entretanto para que os agricultores passem a buscar outras atividades, é necessário que internalizem essa necessidade, passando a perceber a necessidade de mudar. Isso não se faz simplesmente de forma direcional, por transferência de tecnologias, mas com a participação real dos agricultores nos debates e na busca de alternativas, de forma que possam se apropriar do processo de mudança, assumindo com autonomia modelos mais sustentáveis de agricultura.

## Referências

BIOLCHI, M. A. A cadeia produtiva do fumo. Revista Contexto Rural. *Revista do Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais - Deser*. Ano V, Nº. 5, Jul. 2005. Curitiba, 2005.

BOEIRA, S. L. *Atrás da cortina de fumaça: tabaco, tabagismo e meio ambiente: estratégias da indústria e dilemas da crítica*. Itajaí: Univali, 2002.

BONATO, A. A fumicultura no Brasil e a Convenção-Quadro para Controle do Tabaco. *Revista do Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais-Deser*. Curitiba, 2006.

- CAPORAL, F. R., COSTABEBER, J. A. *Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para o Desenvolvimento Rural Sustentável*. Brasília. MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.
- CARVALHO, E.B., NORDARI, E. S. A percepção na transformação da paisagem: os agricultores no desflorestamento de Engenheiro Beltrão-Paraná, 1948 - 1970. *História*, São Paulo, v.26, n.2, p. 269-287, 2007.
- CAVALCANTE, T., PINTO, M. *Considerações sobre tabaco e pobreza no Brasil: consumo e produção de tabaco*. Material não disponível para divulgação, 2002. Disponível em: <  
[http://www.inca.gov.br/tabagismo/publicacoes/tabaco\\_pobreza.pdf](http://www.inca.gov.br/tabagismo/publicacoes/tabaco_pobreza.pdf)>. Acesso em: 15 jan. de 2010.
- COMISIÓN MUNDIAL PARA EL MEDIO AMBIENTE Y EL DESARROLLO. CMMAD 1987. *Nuestro Futuro Común*. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- DAUSTER, T. A fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. *Revista Educação*, Rio de Janeiro. n. 49 p1-18, nov. de 1999.
- DEPARTAMENTO DE ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS RURAIS. DESER. *Cadeia produtiva do fumo*. Boletim Especial Deser, dez. 2009. Disponível em: <  
[http://www.deser.org.br/pub\\_read.asp?id=145](http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=145)>. Acesso em 10 de ago. de 2010.
- DEPONTI, C. M., ALMEIDA, J. Indicadores para a avaliação da sustentabilidade em contextos de desenvolvimento rural local. In: *Anais do VI Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia Rural (ALASRU)*, Porto Alegre, novembro de 2002.
- FARIA N. M., FACHINI, L. A., FASSA, A. G., TOMASI, E. Estudo Transversal sobre saúde mental de agricultores da Serra Gaúcha (Brasil). *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.33, n.4, p.391-400, 1999.
- GERHARDT, T. E., LOPES, M. J. M., ROESE, A., SOUZA, A. C. A construção e a utilização do Diário de campo em pesquisas científicas na Saúde Coletiva. In: *8º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva e 11º Congresso Mundial de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 2006.
- GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. 3ª. ed. UFRGS. Porto Alegre, 2005.
- GRAZIANO DA SILVA. *A modernização dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar
- GRISA, C. *A produção "pro gasto": um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul*. 2007. 200f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. INCA. *Manual de orientações do dia nacional de combate ao fumo (29 de agosto) "ambientes 100% livres de fumo:*

um direito de todos". 2008. Disponível em: <  
[http://www.inca.gov.br/tabagismo/29agosto2008/materiais/manual\\_29agosto2008.pdf](http://www.inca.gov.br/tabagismo/29agosto2008/materiais/manual_29agosto2008.pdf)>. Acesso em 16 fev. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Mapa do Rio Grande do Sul*. 2002. Disponível em: <  
[http://www.ibge.gov.br/mapas\\_ibge/tem.php](http://www.ibge.gov.br/mapas_ibge/tem.php)>. Acesso em: 19 de jul. de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Produção Agrícola Municipal*, IBGE, 2010. Disponível em: <  
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1612&z=p&o=31&i=P>>. Acesso em 14 de jun. de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. 2009 *Cidades-Arvorezinha: Produto Interno Bruto*. Disponível em: <  
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=430140#>>. Acesso em: 14 de jun. de 2012.

KUHNEN, A., IMPROTA, R.L., SILVEITA, S. M. Comportamento humano e recursos naturais: qualidade e disponibilidade da água avaliadas pelos usuários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília, v. 25, n. 3, p. 453-460. Jul./- set. 2009.

LEITE, S. *Autoconsumo e sustentabilidade na agricultura familiar: uma aproximação à experiência brasileira*, Unicamp, outubro de 2003.

LIMA, R. G. de., WIZNIEWSKY, J. G., MARTINS, S. R. Os Desafios da Sustentabilidade para o Desenvolvimento Rural da Região do Vale do Rio Pardo, RS. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 613-650, set./dez. 2005.

MASCARENHAS, A. O. M. *Cultura organizacional e mudança cultural: a contribuição sahlina e o caso cedejor*. 2006. 393f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas). Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2006.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. MDA. *Cultivo do Tabaco, Agricultura Familiar e Estratégias de Diversificação no Brasil*, 2007. Disponível em: <  
<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/1619316242.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2009.

MELAZO, G.C. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais do espaço urbano. *Olhares e trilhas: Uberlândia*, 2005. p. 45-51. Disponível em: <  
<http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetilhas/article/viewFile/3477/2560>>  
Acesso em 10 mai. de 2010.

MOREIRA, C. A. *Desenvolvimento Sustentável: um conceito no limiar da utopia*. 2005. Disponível em: <

[http://homologa.ambiente.sp.gov.br/proclima/publicacoes/publicacoes\\_portugues/desenvolvimentosustentaveumconceitonolimiardautopia.pdf](http://homologa.ambiente.sp.gov.br/proclima/publicacoes/publicacoes_portugues/desenvolvimentosustentaveumconceitonolimiardautopia.pdf)>. Acesso em 26 de fev. de 2010.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON, O. M. *Experimentos com histórias de vida* (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice v.5, p. 68-80, 1988.

RHEINHEIMER, D.S. GONÇALVES, C.S., PELLEGRINI, J.B.R. Impacto das atividades agropecuárias na qualidade da água. *Ciência & Ambiente*, Santa Maria, (RS) n. 27, p 85-96. 2003.

SEQUINATTO, L. *A insustentabilidade do uso do solo com fumicultura em terras declivosas*. 2007. 155 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2007.

SCHNEIDER, S. *Diversificação como estratégia de desenvolvimento rural: referências teóricas para a construção de alternativas economicamente sustentáveis de diversificação da produção e renda em áreas de cultivo de tabaco no Brasil – subsídios à implementação dos Artigos 17 e 18 da Convenção Quadro para Controle do Tabaco*. Porto Alegre: Relatório de Pesquisa, 2010.

SILVA, L. DE J. M. da., EGLER, I. O estudo da percepção em espaços urbanos preservados. In: I ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE. 2002 Indaiatuba. *Anais do I Encontro Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade*. Disponível em: < [http://www.anppas.org.br/encontro\\_anual/encontro1/](http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/) >. Acesso em 16 de dez. de 2009.

SPINK, M.J.P., LISBOA, M.S., RIBEIRO, F.R.G. A construção do tabagismo como problema de saúde pública: uma confluência entre interesses políticos e processos de legitimação científica. *Interface*, Botucatu, SP. v.13, n. 29. p.353-365, abril/jun. 2009.

TROIAN, A. *A percepção de agricultores e de outros agentes rurais acerca das dimensões ambiental, social e econômica no cultivo de tabaco no município de Arvorezinha (RS)*. 2010. 270 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

VARGAS, M.A., BONATO, A. *Cultivo do tabaco, agricultura familiar e estratégias de diversificação no Brasil, 2007*. Disponível em: < <http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/1619316242.pdf>>. Acesso em: 05 jan. de 2010.

VILLAR, M.L., ALMEIDA, J.L.V., ALMEIDA, A.J., LIMA, M.C.A., PAULA, V.S. A percepção ambiental entre os habitantes da região noroeste do estado do Rio de Janeiro. *Revista Enfermagem*, n. 12 v. 2. p.185-290, Jun. de 2008.

Recebido em 14/03/2012.

Aceito para publicação em 15/11/2012.

Sobre os autores

**Alessandra Troian**

Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial (UERGS), Mestre em Extensão Rural (UFSC) e Doutoranda em Desenvolvimento Rural (UFRGS). E-mail: xatroian@gmail.com

Endereço: Av. João Pessoa, 31, Centro. CEP: 90040-000 - Porto Alegre - RS - Brasil

**Marcelo Leandro Eichler**

Licenciatura em Química, Mestre em Psicologia e Doutor em Psicologia do Desenvolvimento (UFRGS). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Química do Centro de Ciências Físicas e Matemáticas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), docente colaborador do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS) e pesquisador da Área de Educação Química (UFRGS). E-mail: exlerbr@yahoo.com.br

Endereço: Av. João Pessoa, 31, Centro. CEP: 90040-000 - Porto Alegre - RS - Brasil

**Fábio Kessler Dal Soglio**

Agrônomo, Mestre em Fitotecnia (UFRGS), Doutor em Fitopatologia - *University of Illinois at Urbana-Champaign*. Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: fabiods@ufrgs.br

Endereço: Av. João Pessoa, 31, Centro. CEP: 90040-000 - Porto Alegre - RS - Brasil

## Anexo I- Lista dos sujeitos participantes da pesquisa citados no texto.

Entrevistado	Idade*	Escolaridade**	Atividade desenvolvida	Nº. de membros	Comunidade
Família 01	54	5ª série	Tabaco	5	P. Queimado
Família 02	33	2º Grau	Tabaco + Aviário	3	P. Queimado
Família 03	36	1º Grau	Milho + renda não agrícola	2	São José
Família 04	62	Analfabeta	Tabaco + subsistência	4	Cândido Brum
Família 05	46	5ª série	Tabaco	1	P. Queimado
Família 06	47	4ª série	Tabaco + erva-mate + videiras + eucaliptos	5	Cândido Brum
Família 07	39	7ª série	Tabaco+ leite	5	P. Queimado
Família 08	26	2º Grau	Tabaco + erva-mate	3	Torres Gonçalves
Família 09	41	5ª Série	Tabaco	5	Gramado
Família 10	52	-	Tabaco + erva-mate+ queijo	4	Gramado
Família 11	53	8ª série	Tabaco + aviário + erva-mate + milho + eucalipto	5	São Roque
Família 12	42	2º Grau	Tabaco + erva-mate + subsistência	5	Segredo
Família 13	53	5ª série	Tabaco + laranja + eucaliptos + pinheiro americano + cana-de-açúcar + subsistência	4	Linha Sexta Gruta
Família 14	52	5ª série	Tabaco Burlei	5	Linha Sexta S.Pedro
Família 15	28	5ª série	Tabaco + milho + renda não agrícola (bodega)	5	Lajeado Ferreira
Família 16	31	4ª série	Tabaco + subsistência	3	Posse Aruz
Família 17	55	-	Tabaco + bodega + subsistência	5	Arroio Bugre
Agente Rural	-	-	Emater	-	Arvorezinha
Agente Rural	-	-	Prefeitura	-	Arvorezinha
Agente Rural	-	-	Fumageira Aposentado	-	Arvorezinha
Agente Rural	-	-	Professora	-	Arvorezinha
Agente Rural	-	-	Articulador MDA	-	Arvorezinha
Agente Rural	-	-	Fumageira	-	P. Queimado/ Arvorezinha
Agente Rural	-	-	Delegado MDA	-	Porto Alegre

\* / \*\*.As idades e escolaridades são dos agricultores que mais participaram do processo de entrevista, sendo considerado então os entrevistados.